

DE “BRASIVIANOS” A “BISCATEIROS”: REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Kelen Gleyse Maia Andrade DANTAS¹ (Universidade do Norte)

RESUMO: Este trabalho objetiva compreender as questões sobre identidade do grupo de trabalhadores, os chamados “brasivianos”, que viveram na Bolívia e mudaram para a cidade de Rio Branco nos anos de 2000 a 2006. Essa discussão será baseada no estudo de trajetórias e histórias de vida.

ABSTRACT: This paper aims to understand the issues of identity of the group of workers the so-called “brasivianos”, who lived in Bolívia and moved to the city of Rio Branco from 2000 to 2006. This discussion will be based on the study of their background and life history.

O tempo presente é o lugar das problemáticas propostas nessa pesquisa. Tem como ponto de partida o fato de que vivemos em um lugar, a Amazônia, propício para o estudo de fenômenos culturais considerados imprevisíveis, ou seja, inesperados tanto pela Literatura, História, como pela Linguística tradicionais, com campos teóricos bem definidos, que possuem modelos próprios para o estudo do conhecimento.

Não sei se no desenvolver da dissertação do mestrado, poderei de fato romper com esses modelos, já que aprendi a andar a partir de caminhos já antes trilhados por outros. E que ao romper significará partir do escuro, de enxergar o inesperado, de observar o não observado.

O tema proposto para o desenvolvimento de minha dissertação é a trajetória de trabalhadores ex-seringueiros, que, convencionalmente pela academia e de forma externa a eles, são chamados de “brasivianos”, e que no espaço da cidade acabam por incorporar outras identidades, o que é inevitável, pois as circunstâncias impõem uma diversificada relação do homem com o espaço em que vive e ao mesmo tempo reproduz um movimento de mudança conforme as mais diversas situações. É o caso da incorporação de identidades com o trabalho, que, na cidade, toma maiores dimensões provocadas pela instabilidade do mercado de trabalho.

Assim, partir dessa problemática, é muito mais que contar a estória da vida de algumas pessoas que vieram de seringais em busca de melhores condições de vida, ou até mesmo, fugidos de alguém que os queria matar. É acima de tudo, romper com toda a lógica imposta por historiografias que excluem as particularidades, e que não têm o tempo como sua principal preocupação.

Desta forma, falar de identidade é antes de tudo dizer que o olhar que conduz a observação é crítico da noção de tempo que atualmente é entendido como “moderno”. Aqui modernidade é entendida como um discurso que exclui de forma violenta, os “arcaicos”. Autores como Paul Gilroy que fazem alusão ao tema, trazem novas formas de tentar ver os excluídos por essa concepção moderna, como povos que desenvolvem, de forma particular, sua cultura, que não é a do europeu e nem a dos povos particularmente colonizados, mas sim a mistura, a relação entre as duas, o novo, o inesperado.

Partindo dessa lógica, estudar os trabalhadores biscateiros, ex-seringueiros, é tentar enxergar, a partir da sua vivência na cidade, o inesperado e não o que hipoteticamente já espero encontrar. É tentar ver com olhos que transcendem o que é apresentado à primeira vista, é mergulhar num mundo de particularidades que torna cada experiência singular. É possível, a partir dessa visão, trazer à tona as diversas formas de resistência que esses trabalhadores desenvolvem e que podem ser apresentadas através da luta pela inclusão como também pela exclusão consciente e silenciosa. Ademais é entender e dialogar com o outro a ponto de poder sentir os seus sonhos, anseios e planos elaborados para o presente e o futuro.

Escrevendo assim pode parecer algo simples, mas não é. Olhar para o outro como igual nunca foi tarefa fácil. Sempre o outro foi sinônimo de diferente e não de diverso. Dialogar com o outro é mais fácil do que interagir com ele, ouvi-lo, relacionar-se sem vê-lo como inferior é um exercício que devemos reproduzir, já que GLISSAN (2005), SAID (1995), HALL (1999), BHABHA (1998) e outros trouxeram à tona a problemática.

Entrar no mundo do outro sem defesas é descobrir que podemos estar entrando no nosso mundo, pois estaremos nos vendo. Posso ir a um lugar em que nunca estive, no entanto, encontrarei pessoas que tendo ou

1 Kelen Gleyse Maia Andrade Dantas – Professora da Rede Municipal de Rio Branco-Acre e Mestranda do Curso de Mestrado em Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. kj.dantas@yahoo.com / kelen.maia@bol.com.br

não a mesma língua, a mesma função na sociedade, sentem, choram, alegram-se, dormem, tomam banho e possuem as mais diversas identidades possíveis e imaginadas.

Seguindo esse pensamento, ao visitar o sujeito de minha pesquisa, penso que deverei chegar desmontada e me remontar sem perder minha essência. Que para me relacionar e interagir é necessário muito mais que uma entrevista formal, uma conversa de meia hora, uma visita aleatória. E muito mais só vou descobrir no decorrer da minha prática em campo.

Pude ter contato com algumas pessoas que vieram dos seringais para as cidades do Alto Acre no decorrer das viagens que fiz pelo projeto de pesquisa do qual participava como bolsista, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal do Acre e coordenado pela professora Dra. Benedita Gomes Esteves. E descobri que eles incorporam a nova vida e seguem em frente, elaboram novos planos e sonhos e pensam num futuro sem negar o seu passado e destruir sua antiga identidade de seringueiro. Essas pessoas podem então ser entendidas como “sujeitos que se constituem no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história” (FOUCAULT, 1996).

Várias são as identidades incorporadas por esses ex-seringueiros no decorrer de seus deslocamentos em busca de uma sobrevivência mais digna. O que se percebe é que o próprio conceito de identidade não pode ser visto como algo acabado, fixo ou sólido. Identidade acaba tendo que ser entendida como algo que não pode ser visto ou falado no singular e sim no plural. A pretensa solidez do conceito não tem mais lugar numa sociedade onde “tudo que é sólido se desmancha no ar” (MARX, ENGELS, 1848).

Vivemos em uma época em que há “uma perda de si”, ou seja, “um abalo da idéia que temos de nós próprios como sujeitos” (HALL, 2000). Assim, o que se vive atualmente é o que Stuart Hall chama de deslocamento ou descentração do sujeito, ou ainda mais especificamente uma “crise de identidade”. Essa crise é que vai proporcionar necessidade de se questionar a pretensa fixação do conceito. O contexto dessa problemática é o mundo em movimento contínuo e em transformação rápida e constante, típicos da crise da modernidade.

O que está posto para nós é a necessidade de rever a idéia do que é moderno e o que é atrasado. Se partirmos do pressuposto de que moderno é tudo que é novo e desenvolvido dentro dos parâmetros europeus ou norte-americanos, nosso país não só é economicamente, mas também, culturalmente atrasado. Portanto, todas as sociedades “tradicionais”, inclusive os povos da floresta, ex-seringueiros, seringueiros, coletores de castanha, ribeirinhos, pescadores, estariam excluídos do processo de movimento constante por que o mundo passa, o que impossibilitaria o surgimento de facetas próprias, de descobertas próprias, mas sim de uma incessante busca por alcançar o desenvolvimento do projeto de modernização que nos é imposto.

É como crítica a esse pensamento que a dissertação de mestrado por mim proposta tende a ser desenvolvida. É na esperança de reafirmar que “... o deslocamento tem características positivas, que desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações” (LACLAU, 1990) que nos estimulamos a pensar no que se pode descobrir na pesquisa em contato e interação com outro, assim como ver o inesperado surgindo a partir desses sujeitos num outro espaço que é a cidade, local esse de conflitos e articulações entre vários sujeitos.

Como o espaço de estudo é a cidade e a mesma é fragmentada, pode ser observado um processo de ruptura muito maior. Ora, o sujeito da cidade sofre, em menor espaço de tempo, transformações que o possibilitam incorporar em sua vida diversas identidades que serão utilizadas conforme as mais variadas situações. Contribuem com esse processo a situação econômica, o contato com pessoas que vêm de outros lugares com experiências diversificadas, visões de mundo particulares quanto à religião, à moral, à cultura e à sociedade. Nesse espaço de pluralidade é muito propício o aparecimento do novo.

A fronteira que separa as experiências de vida dos diversos sujeitos que estão na cidade é ilusória, mas que seduz pelo fato de acreditarmos que o outro não sou eu e que existe uma grande diferença que nos distancia. Esse distanciamento pressupõe a certeza da superioridade, dos juízos de valor que tanto prejudicam a caminhada por um mundo que trate os mais diversos tipos de pessoa como “cidadãos do mundo”. Mundo de todos e para todos.

Análise desse tipo é importante, pois nos faz refletir sobre quem somos de fato, ou se somos o que pensamos ser. Se o indivíduo é histórico, condicionado a um tempo e não tem uma identidade fixa, pode-se concluir que não somos um todo homogêneo, mas heterogêneo. Isso significa ainda que, para compreender-nos enquanto sujeito, faz-se necessário traduzir a realidade desmontando-se as diversas partes do nosso todo. E só é possível fazer isso caso tenhamos em mente que não partiremos de modelos pré-estabelecidos, mas sim da incerteza e da insegurança próprias do novo.

No caso dos “brasivianos” a fronteira é tanto geográfica como simbólica. Os ex-seringueiros que dialogarão comigo são pessoas que viviam na Bolívia, especificamente na fronteira entre o Acre e a Bolívia. Esse fato possibilita a interação com outras culturas, sem esquecer que estão num local de instabilidade, pois

a qualquer momento podem ser expulsos de lá. Ao acontecer isso, para onde vão? Para o Brasil? Onde serão colocados? Sob quais condições? Perceberão que a Bolívia, assim como outro local qualquer a que forem, poderá não ser o seu lugar. Podem continuar se sentindo como estrangeiros, pois o sentimento de pertencimento não está condicionado ao local de origem e sim ao lugar onde se sintam à vontade, aceitos, inseridos, valorizados.

A fronteira simbólica pode ser evidenciada pelo fato do não pertencimento a nenhum dos lugares e aos dois ao mesmo tempo. Assim está em processo de transformação, num constante fazer-se, pois está no entre-lugares. O tempo aqui é líquido, é um elemento móvel, que se dilui. O homem é sendo num presente eterno.

Por tudo isso, a questão agora não é mais olhar o nosso local a partir do geral, mas sim de onde se está. Pensar como estamos nos colocando no processo de construção do conhecimento. A proposta é repensar numa reconstrução do eu. Rever a questão da fronteira como algo onde as coisas começam e não onde terminam. É entrar no mundo da história com a certeza de que tudo que fizermos será apenas mais um olhar sobre algo ou alguém. É se desmontar e aceitar o fato de que nada sabemos sobre o novo, mas que junto com o outro nós podemos descobrir.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Reis & Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**; tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto de Lea Porto de Abreu Novaes... et a. J. – Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro – Modernidade e dupla consciência**; tradução Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**; Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**; tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.